

LOCUTOR: No programa .... temos hoje ....

(Entra um motivo de pastoreio, em flauta rústica e ritmo surdo de milonga pampeana.)

CANTADOR: Era uma vez...  
Toda história começa "Era uma vez..."  
sem ver ou sem explicar  
que essas vezes, repetidas,  
são tantas e tantas vezes  
que por isso nossa história  
não se para de contar;  
que a história que hoje se conta  
em certo tempo e lugar  
continua outras histórias  
que hão também de continuar.  
Nós, contadores de histórias...

(Mudança de andamento sobre o mesmo ritmo anterior ( a 2 ou 3 vezes)

CORO: ...somos as vozes que ouvimos,  
Somos as cenas que vemos,  
as falas de amor e dor  
que fazem a vida do homem  
procurando seu caminho  
de vida e de liberdade.  
Caminho que são caminhos...  
Por isso que toda história  
começa "Era uma vez..."

(Volta ao tempo de milonga pampeana).

CANTADOR (Fala ritmada) -  
Em tempo que ninguém diz  
se é próximo ou distante,  
vivia em pagos do sul  
estancieiro muito rico,  
um dono de muitas terras,  
grande senhor do lugar.  
Como senhor se isolava,  
cavava altura e distância,  
a poucos abria a porta,  
menos ainda amizade.  
Só três viventes podiam  
olhar bem nos olhos dele:  
o filho, que era o herdeiro,  
dono futuro de tudo;  
o seu baio Sete-Léguas,

parlheiro de confiança;  
e um escravo menino  
que cuidava do cavalo.  
Como escravo não tem nome (bis)  
era chamado Negrinho.

(Música introduz o tema do Negrinho - motivo de flauta, agora com vozes femininas).

CORO: Negrinho...  
Negrinho sem nome, Negrinho menino  
Negrinho - só cor.

(Vozes no sono do menino)

UMA SÓ VOZ: Acorda menino...

OUTRAS: Acorda menino,  
acorda menino, menino, menino...

VOZ MASCULINA: Pro galope! Anda!

NEGRINHO (Sonolento): Tá frio... Tô com frio...

CORO (Masculino):  
Acorda, menino...  
Lá fora inda é noite  
e o frio galopa nas costas do  
vento...  
Acorda, menino, me-ni-no...

VOZ: Acorda !

NEGRINHO: Ahn... Ai! Espera, já vou, estou indo!

VOZ: Se o patrão te pega dormindo essa hora...

OUTRA VOZ: Coitado do menino...

VOZ: Mas é ele que tem que galopar o parlheiro baio do patrão. O patrão quer.

OUTRA VOZ: O patrão quer...

CORO (VOZES): Vem dia, sai dia,  
vem dia, sai dia...  
No escuro da noite, toda madrugada,  
Negrinho galopa sua fome e seu frio...

(Fala do coro surgida de ritmo de percussão que marca o galope).

Negrinho galopa,  
galopa, galopa,  
Negrinho galopa sua fome e seu frio...

UMA VOZ: Porque o patrão disse que é assim que ele quer!

(A percussão corta gradativamente com o coro e o galope continua, sumindo... Funde com risada alegre de criança).

GAROTO: Papai! Olha! Galopa, Negrinho! Pai! Olha eu aqui, montado no Negrinho!  
Anda, upa! Salta, meu cavalo!

PATRÃO: Cuidado, você cai...!

GAROTO: Me empresta o chicote, pai! Me dá teu chicote!

NEGRINHO: Chicote, não... Chicote dói, patrãozinho... Ai!

GAROTO: Salta, molenga! Upa, salta, Negrinho-cavalo!

NEGRINHO: Ai...

PATRÃO: Cuidado! Se ele cair, você vai ver...!

Ruídos e vozerio surgem e crescem, em fundo, como de gente se aproximando.

GAROTO: Que é isso, pai? Que é isso lá fora?

PATRÃO: Hoje é dia de festa, meu filho. Festa de santo grande.

GAROTO: Eu quero ver! Vamos lá ver!

(Ruídos e vozeiro sobem e com eles, em fundo, música típica - sanfona e viola. Em meio à música e ruídos, uma conversa à parte).

PATRÃO: Como é, Compadre João, não queres saber se teu mouro é ou não é um bom cavalo? Estou com mil moedas de ouro aqui. E querendo fazer duas mil...

COMPADRE: Qu' é isso, compadre! Meu mouro é bom, que eu sei, mas não é páreo pro teu baio.

PATRÃO: (Ri) Faz promessa pro teu santo... quem sabe isso ajuda um pouco?

COMPADRE: Se acreditasse em milagre... Mas ainda assim eu não arrisco... se não me der vantagem.

PATRÃO: Vantagem...?! Vantagem é coisa que não dou nem pra irmão, compadre! Aposta é aposta: correr trinta quadras, tanto o baio quanto o mouro! Olha, estão aqui as mil moedas: é pegar ou largar. Sem perder tempo em prosa, que tempo também é dinheiro.

COMPADRE: Tá bom, compadre. Aceito teu desafio: meu mouro é aguentador... e capaz de te dar susto!

PATRÃO: Ah!... Susto, com meu baio Sete-Léguas? Inda não vi páreo pra ele!

COMPADRE: Pois vamos ver!

PATRÃO: Oia! Atenção, peonada! Acertei uma carreira com o compadre João Cardoso! Podem fazer as apostas! Mil moedas de ouro que meu baio Sete-Léguas é o cavalo mais corredor da região!

(Gritaria de saudação da gauchada reunida):

CORO: Oooooopa!

(Vozerio cresce de novo. Nele se destacam frases esparsas):

: O baio é bom! Ligeiro que nem vento!

: Nada, che! O mouro é mais parrelheiro!

: Na largada o baio ganha!

: Na cancha o mouro é que aguenta!

: Ele tem fogo nos cascos!

: E o mouro fogo nas ventas!

: Trezentas pra mim no baio !

: Pra mim, quinhentas no mouro!

: Cem prá mim!

: Eu dobro a tua! Duzentos!

(O ritmo da música também foi crescendo com a batida de mãos e pés acompanhando agora a sanfona).

VOZ: Patrão! Quem monta o baio ?

PATRÃO: O Negrinho! Tu que vais montar, Negrinho!

NEGRINHO: Ahn...? Eu...? EU, montar...?...

(Som sumindo em silêncio marca o mergulho do menino em si):

VOZ: (Sussurro, voz interna) Você vai montar... E se o baio perde? (crescendo) E se o baio perde ?...

(Vozes crescendo com o retorno da música, cujo ritmo e tom sobem, sobem, mais e mais: efeitos instrumentais sublinham as falas...)

VOZES: E se o baio perde? Se você perder? Se você perder? Se você perder?

( ...Até virar um "galope" alucinado da viola, mãos e pés que são o próprio pânico e tensão do menino, murmurando):

NEGRINHO: E se eu perder... ? Nossa Senhora, minha mãe! Me ajuda, mãe, me ajuda, minha mãe! Mãe...! Mãe...

VOZ: Eu aposto no baio do patrão!

OUTRA VOZ: E eu! Que o patrão não joga pra perder!

VOZ: (Sussurro) E se o baio perde, Negrinho?

GRITO: Tá na hora da largada!

(Alarido geral introduz acordes suspensivos e com eles o cantador. Galope faz fundo).

CANTADOR (Música):  
Parelheiros! tão na cancha,  
tá na hora da largada  
o baio tá retouçando  
e o mouro pedindo quadra...  
Parelheiros tão na cancha  
tá na hora da largada  
vai baixar o lenço branco...  
Largaram na carreirada!

(Retorna ritmo vivo anterior):

Largam juntos,  
de arrancada,  
em parelha  
coleirada!

CORO (No ritmo):

Vamos, baio!  
Vamos, mouro  
A carreira vale ouro!

CANTADOR: Vão gemendo  
vão zunindo  
galopeando  
quadra a quadra

CORO: Vamos, baio!  
Vamos, mouro!  
A carreira vale ouro!

CANTADOR: Batem cascos  
Geme o vento  
Baio é estouro  
Mouro é raio!

CORO (Cresce): Vamos, baio!  
Vamos, mouro!  
A carreira vale ouro!

CANTADOR: A parelha  
cola a cola  
disparando na poeirada,  
a gauchada  
na agonia  
mais aumenta  
a barulhada:

CORO: Vamos, baio!  
Vamos, mouro!  
A carreira vale ouro!

CANTADOR: De repente...  
o que é que houve?  
O silêncio cobre a quadra:  
o baio de supetão  
empinou meio à carreira  
o mouro passou ligeiro  
o baio retoma o chão  
mas o mouro pegou frente...  
cruza o laço de chegada!

(Ritmo desce. Gritaria, vozerio).

CANTADOR (Fala): Perde o baio,  
ganha o mouro...

E a carreira vale ouro!

VOZES: São mil moedas de ouro! Mil moedas... Duas mil... (Eco) Mil... mil...

COMPADRE JOÃO: Tá ali meu poncho, compadre, estendido no teu chão!  
Pode jogar em cima dele as mil moedas de ouro!

PATRÃO: Não foi jogo limpo!

(O vozerio cessa súbito):

COMPADRE: Não foi...? Quem disse que não?

PATRÃO: Eu mesmo que estou dizendo!

COMPADRE: Se foi à vista dos homens!

PATRÃO: E eles lá sabem o que veem!...

COMPADRE: Como é que não? Todos viram! Estavam todos aqui!

(A pausa marca a tensão).

PATRÃO: Vá lá! Não brigo por pouco! Toma as tuas mil moedas!

(Som do dinheiro. Alarido saúda o gesto, e vai descendo pouco a pouco marcando a transição para tom de lamento que muda a cena):

PATRÃO (Para si): A culpa foi do Negrinho! A culpa foi desse negro! Ah, negro sujo, safado! Hás de me pagar por isso! Onde está esse Negrinho?

(Música retornando ao motivo do Negrinho, em flauta).

NEGRINHO: Minha mãe, o que é que eu faço? O que é que eu posso fazer? O que é que eu posso fazer?...

PATRÃO: Ah! Estás aí? Vem comigo!

CORO: Negrinho menino  
Negrinho sem nome  
Negrinho - só cor  
Menino nascido com sina de escravo...

UMA VOZ: E ser escravo é sina? Ou é condição?

CORO: Mesmo condição, triste condição... Como sair dela, como...

(Quebra-se súbito o coro com estalar de chicotes).

NEGRINHO: Ai! Perdão, patrão!

PATRÃO: Ahn! Ainda queres perdão?...

NEGRINHO: Tem pena... Ai!

PATRÃO: Espero que assim aprendas! Mas não penses que é só isso: surra do relho não basta pra pagar as mil moedas! Passados dois ou três dias, teu corpo esquece o castigo! E eu quero te deixar marca, pra que nunca mais repitas!

NEGRINHO: Perdão, patrão, perdão! ... Eu não fiz por querer... Eu não fiz... Eu não... Eu...

PATRÃO: Anda!... Estás vendo aquele sítio? Trinta quadras tinha a cancha da carreira que perdeste. Pois bem: trinta dias ficarás sem sair dali, de estaca, pastoreando minha tropilha de trinta tordilhos negros! Ai de ti, se saís dali por um minuto que seja! Sol e chuva, noite e dia, não podes sair de lá!

(Cena fecha sobre os gemidos do menino e o pisar das botas se afastando.  
Vozes dissonantes (masculinas), graves, iniciam coro):

CORO: Menino, escravo menino  
escravo sem voz nem vez  
que só sabe o preço e a paga  
do que não viu e não fez,  
joguete nas mãos dos outros,  
sua vida é esperança  
que vai minguando no tempo...

MENINO (num sussurro)  
Baio Sete-Léguas,  
fica aqui comigo...

CANTADOR: E a noite veio chegando  
primeiro mansa e calada  
cobrindo também de negro  
toda a pele das lombadas,  
depois cheia de ameaças,  
de fantasmas povoada...

(Efeitos de vozes e instrumentos. Ecos distantes sublinham a fala do coro que repete motivo inicial do canto):

NEGRINHO: Minha mãe, madrinha  
que olhos são esses  
brilhando no escuro  
em volta de mim ?

CORO: Vento, vento frio  
voraz e veloz  
navalha no ventre  
do escravo sem veste...

NEGRINHO: Vento que me corta  
que vozes são essas  
gemendo no escuro  
em volta de mim?...  
Fica aqui comigo,  
meu cavalo baio...

CORO: Chuva, chuva fina,  
chibata na face,  
chamando a saudade  
de teto e calor...

NEGRINHO: Minha mãe, madrinha  
não vejo mais nada,  
não sei onde estou...  
Por que tanta noite,  
por que tanto frio,  
por que tanto escuro  
em volta de mim?..  
Fica aqui comigo... (bis)  
Motivo inicial repetido

CORO: Menino, escravo menino,  
escravo sem voz nem vez...  
que só sabe o preço e a paga  
do que não viu e não fez...

(Coro sustenta, a boca fechada, o som, embalando o menino e seu lamento):

NEGRINHO: Baio Sete-Léguas  
fica aqui comigo,  
juntando bem junto  
minha pele e seu pelo  
ponho fora o frio,  
passa meu pavor...  
Fica aqui comigo,  
meu cavalo baio,  
põe assim bem junto  
minha pele e teu pelo,  
tua pele e meu pelo,  
bem juntos... assim,  
meu pelo e teu pelo,

teu pelo... assim...  
meu pelo... teu pelo... assim...

(Zum-zum subindo em fundo, sobrepondo-se aos ruídos, cresce até vozes):

VOZES: Fugiu, Sete-Léguas!

:Cortaram as amarras!

:Quem pode ter sido?

:Negrinho perdeu todo o pastoreio!

: Perdido até ele! Se o patrão souber...

GAROTO: Pai! Pai, seu baio fugiu!

PATRÃO: Ahn?... Fugiu, como?

GAROTO: Fugiu o Sete-Léguas! E a tropilha toda!

PATRÃO: Mas... fugiram como? Negrinho, onde está?

GAROTO: Negrinho estava dormindo...

PATRÃO: Vamos lá agora!

NEGRINHO: Fugiram... Sete-Léguas, tu fugiste... Fugiste... E eu, Sete-Léguas? Agora o patrão me mata... Me mata... Vai me matar!... Tu fugiste... E eu? Fugir...? Fugir para onde?

CORO: Menino, escravo menino,  
Sua vida é esperança  
Que vai minguando no tempo  
Sendo a presença da morte  
ameaça companheira.

PATRÃO: Onde está esse Negrinho?

(Silêncio súbito e geral).

PATRÃO: Não te disse, negro moleque, para olhar os meus cavalos? Achas pouco teu castigo? Ahn? Ainda achas pouco?

(Chicote estalando).

NEGRINHO: Ai!...

PATRÃO: Não sei porque é que não te arrebento de uma vez! Que minha vontade é te quebrar em pedaços!

NEGRINHO: Aaai!...

PATRÃO: Mas não vou cansar meu braço! Só não acabo contigo porque ainda me debes. E o que me debes... tua vida não paga! Antes de findar o dia, quero aqui os meus cavalos! Ouviste? Os trinta tordilhos negros e mais meu cavalo baião! Antes de findar o dia! Vai já atrás deles! Anda!

VOZ: Mas ainda é quase noite! A cerração tapa tudo, até a barra do dia!

PATRÃO: Que me importa!... Pra fugirem foi bastante! (Afastando-se) Vai procurar o perdido, anda! Até a noite, não esqueças! Quero aqui os meus cavalos! Se não...

NEGRINHO: Mas não sei pra onde foram... Estou perdido... perdido...

CORO (Duas vozes, uma masc. e uma fem.):

Aqui lenda e história  
viram uma coisa só,  
misturando fato e fado,  
o real acontecido e  
o destino imaginado

VOZ FEMININA: vivendo na fantasia  
o que o real não deixou,

VOZ MASCULINA: sonhando valor e glória  
que a vida não permitiu.

CORO ( Duas vozes):

Aqui, o fato e a lenda  
juntam vozes pra contar.

HOMEM: Calma, Negrinho, me escuta, que eu sou a voz da história. Teu caso não é perdido... Pra tudo há solução.

MULHER: (Corta) A Virgem vai te ajudar!

HOMEM: Presta atenção ao que digo: não é a primeira vez que um cavalo foge assim...

MULHER: Eu te ensino a oração pra Senhora dos Aflitos!

HOMEM: A experiência dos outros pode mostrar as saídas... Outros passaram por isto... Atenta pra experiência. Vê o que os outros fizeram...

MULHER: Pede à Virgem, nossa Mãe, que ilumine teu caminho!

HOMEM: Pensa só nisso: o rastro. Pensa de cabeça fria: que a terra guarda a marca dos que nela passam! Segue o rastro, devagar, que hás de encontrar a tropilha!

MULHER: Toma esse coto de vela que tirei do altar da Virgem! Que a luz de sua vela te mostrará o caminho!

CORO MASCULINO: Segue o rastro que há na terra!

CORO FEMININO: Pede à Virgem que te guie!

CORO MASCULINO:

Vai, Negrinho,  
segue a voz da experiência,  
que te dá a solução!

CORO FEMININO: Vai, Negrinho,  
tua mãe segue contigo  
e ilumina teu caminho!

CORO GERAL (Vozes se fundem):

Vai, menino, negro e escravo,  
mas não vás sem esperança:  
olha a terra onde pisas,  
que essa terra guarda marcas;  
ouve a voz que trazes dentro,  
que é a voz de tua mãe.

CORO (Ritmo passando a música):

Olha, ouve, e busca, atento  
que hás de encontrar o caminho  
Busca, busca, busca,  
que hás de encontrar o caminho!

FEM.: Busca, mesmo quando vejas  
que a cerração é fechada,  
Busca, mesmo que a cobraça  
deslize por tuas costas  
como faca carneadeira,  
Olha, ouve e busca! Busca!  
Que hás de encontrar o caminho!

HOMEM: Olhem! Aumentou a claridade!

MULHER: É a vela que ele leva e vai pingando no chão! Cada pingo é uma luz nova, nascida da anterior. E essas luzes todas, juntas, filhas da que ele carrega, clarearam o campo todo!

HOMEM: A luz dele e a luz do sol surgindo vão iluminar seu chão. E o rastro que marca a terra vai lhe mostrar o caminho!

(Música faz a transição, primeiro só com variações sobre o tema anterior ("ouve, busca..."), que se dilui devagar para o tema do "Negrinho, escravo menino", em flauta e violão, fazendo fundo para):

NEGRINHO: Baio Sete-Léguas! Vem cá, seu fujão! Então, pensou que não te via? Pensou que eu não ia achar teu rastro? Mas eu vi! Eu vi o teu rastro e vim te buscar! Eu sabia que te achava! Eu sabia! E os outros todos contigo... Agora posso voltar...

CANTADOR (Fala):  
Nos campos da terra,  
tornada caminho,  
ele passou;  
passou seu passado,  
montando o futuro,  
ora aberto  
para o montador  
que conduz a tropa,  
achada,  
para onde quer...

(Música sublinha pausa).

A noite ora vela  
teu sono tranquilo,  
cavaleiro;  
teu sono e teu sonho,  
menino, teu sonho  
menineiro...

(Música um canto de ninar - sublinha clima onírico e mantém-se em fundo).

NEGRINHO: Minha Mãe, Nossa Senhora! Que faz, parada no ar?

MÃE: Vim te cobrir com meu manto e velar pelo teu sono... Então não sou tua mãe?

NEGRINHO: Mãe...? Eu nunca pensei de ter u'a mãe tão branca... Nunca pensei de ter uma mãe senhora...

MÃE: Deita a cabeça em meu seio... E descansa teu cansaço...

NEGRINHO: Com tua mão no meu rosto eu fico tão leve... leve... parece que sou de vento... É tão bom estar contigo... Contigo não tenho medo... Mãezinha... Minha mãe...

(Grito súbito corta o clima):

VOZ: (Grito) Não! Não faz isso!

(Risada de criança):

GAROTO: 'bora, cavalo! Chô!... 'bora, vai!

(Tropel de corrida. Gritos: pega! Cerca! Segura!)

VOZ: Não faz isso, menino maleva!

GAROTO: Vou dizer pra meu pai que Negrinho dormiu e os cavalos fugiram! (Afastando-se) Pai!... Os cavalos fugiram de novo...

NEGRINHO: Os cavalos...! Não!...

VOZ: Fugiram!

OUTRA: O diabinho enxotou e saíram campo afora!

VOZ: Sinto muito, Negrinho... Tens que ir buscar de novo.

OUTRA: E se ele não conseguir?

VOZ: Cala essa boca, idiota!

NEGRINHO: De novo! De novo... Começar tudo, outra vez?

VOZ: Recomeçar é mais fácil! Já sabes o que fazer.

NEGRINHO: É difícil... Tô quebrado... Passei ontem o dia andando... Num tô aguentando mais...

VOZ: Um de nós irá contigo! Não desista! Não desista!

(Música, ritmo acelerado, marca a transição).

PATRÃO: Onde está esse moleque? Ah, ainda parado aí? Eu avisei, não avisei? Pois vais ver o que é bom! Pra começo de conversa, vais apanhar de chicote até não ter no teu corpo um pedaço só sem risco! Justino, pega esse negro e amarra no palanque! Pra surrar quero dois homens: quando um cansar, o outro pega!

VOZ: Ele não vai aguentar...

PATRÃO: Perguntei alguma coisa? Pedi tua opinião?

VOZ: É que ele inda é menino! E já não aguenta mais!

PATRÃO: E o que é que tens com isso?

VOZ: É que a culpa não é dele! Foi seu filho, o patrãozinho, que soltou os cavalos todos!

PATRÃO: Se não estivesse dormindo não deixava acontecer! Risco-lhe o corpo a chicote que ele assim não dorme mais!

VOZ: Ele não vai aguentar...

(Zum-zum repetindo a frase: Não vai aguentar... não vai aguentar...)

PATRÃO: E daí, se ele não aguenta? Dez negrinhos como esse compro na feira, barato, a hora que eu quiser!

VOZ FEMININA: (Sussurro) Chama por tua madrinha!

NEGRINHO: (Sussurro) Minha mãe, me protege, minha mãe...

PATRÃO: Justino, leva esse negro!...

CORO: Menino, escravo menino  
escravo sem voz nem vez  
que só sabe o preço e a paga  
do que não viu e não fez,  
parece que vê chegada  
sua hora derradeira  
vida - esperança perdida,  
morte - presença certa...

(Permanece em fundo, a boca fechada, como lento canto fúnebre sobre o qual vai soar a fala):

VOZ: Patrão!... O menino... Negrinho... Negrinho está morrendo, patrão... Nós bem que dissemos... ele não ia aguentar... A gente sabia que ele não aguentava... Acho que agora, mesmo que pare o castigo, ele não escapa mais!

PATRÃO: Teve castigo porque mereceu! Vai fazer menos falta que meu baio, que trabalho de menino rende pouco!

VOZ: Se ele morrer... pode pegar madeira no depósito pra fazer o caixão?

PATRÃO: Caixão para negro escravo? Ainda nem acharam meus cavalos, não quero ninguém perdendo tempo em fazer caixão! Tira ele do palanque e amarra na boca do formigueiro! Aquelas formigas vermelhas dão cabo dele de vez!

VOZ: Na boca... do formigueiro?!...

PATRÃO: E para de me olhar com essa cara de espanto! Anda, vai! Daqui a pouco vou

lá ver se fizeram o serviço direito! E se ouvir sinal dos homens me avisa! Quero é ver se acharam meu baio e mais os tordilhos!

(Canto fúnebre prossegue e funde com violão que entra, em acordes nervosos; sublinhados por flauta e percussão):

CANTADOR: Gemendo e chorando  
chorando e sofrendo  
sofrendo e gemendo  
gemendo e chorando  
chorando chorando  
gemendo gemendo  
sofrendo sofrendo  
sofrendo de dor!

(Som agudo, prolongado em eco, vai retornando à batida anterior).

Gemendo e chorando  
chorando e sofrendo  
sofrendo e gemendo  
gemendo de dor...

(Som agudo prolonga de novo a voz em eco. Música se mantém, sublinhando fundo).

VOZ: Gemendo e chorando,  
o escravo caminha  
caminha, caminha,  
sem rumo, sem norte,  
sua vida, sua morte  
marcados de cima  
pelo seu senhor.

CANTADOR: Dói, dói, dói, dor seu viver!  
Ai!... Dor... Dói... Dor... seu viver...

HOMEM: Negrinho... está morto.

(Pausa. Do silêncio surge, lento, o coro):

CORO: (Falado) Mais um que morre  
escravo.  
Escravo, trabalha-dor,  
escravo da dor que trabalha  
seu corpo, seu norte,  
sua vida, sua morte  
que crava em seu rumo  
a voz do senhor.

(Batida súbita. Suspensiva. Retornam as vozes da lenda e da história):

MULHER: Eu vi!

HOMEM: Foi sonho...

MULHER: Não foi sonho, não! Eu. vi!

HOMEM: Sonho, mulher... Negrinho tá morto.

MULHER: Mas eu vi! Eu vi o menino correndo nos campos com toda a tropilha de tordilhos negros! Corria, corria, galope cerrado, a crina do baio subindo no vento! Quando olhei de novo... subia no céu, no rumo das nuvens!

2º HOMEM: Era manhãzinha, cerração fechada... mas eu também vi!

HOMEM: Sonho, Mateus...

MULHER: Sonho ou não, vou rezar pra ele! Pedir proteção pra nós que ficamos! Que ele nos proteja!...

(Tema acima em fundo para reintroduzir o cantador):

CANTADOR (Fala ritmada):

Pedir proteção...

Pedir proteção?

Quem protege o homem  
contra a fome e o frio,  
quem protege o escravo  
das mãos do senhor,  
quem protege a vida  
de ficar perdida,  
quem protege o homem  
na luta e na dor?

CORO FEMININO: (canta)... gemendo e chorando  
chorando e sofrendo  
sofrendo e gemendo  
gemendo de dor!

HOMEM: Protege quem sabe da luta da vida,  
protege quem sabe de morte e de dor,  
protege quem deixa na história do homem  
um rastro marcado, um risco enfrentado,  
um rosto vincado de luta e suor...

VOZES (MISTAS): Vou pedir a ele que me ajude e guie!

: Vou pedir a ele sua proteção!

: Vou pedir a ele que ache o que perdi!

: Que ele ensina o caminho...

: Que ele sabe os caminhos!

HOMEM: Na História, no mito,  
na lenda, no canto,  
vão ficando as marcas,  
os rasgos, os riscos,  
os rastros, os rostos,  
os rostos marcados de luta e suor... (bis)

CANTADOR: Até que alguém, algum dia, vem contar: "Era uma vez..."

(Retorna ao início, com o cantador):

CANTADOR (Canta): Era uma vez...  
Toda história começa "era uma vez..."  
sem ver ou sem explicar  
que essas vezes, repetidas,  
são tantas e tantas vezes  
que por isso nossa história  
não se para de contar;  
que a história que hoje se conta  
em certo tempo e lugar  
continua outras histórias  
que hão também de continuar...

versos finais repetidos, em eco, descendo, descendo até o

**F I M**

**Obs.**

Este texto foi retirado do site do CBTIJ - Centro Brasileiro de Teatro para a Infância e Juventude. Lembramos que qualquer montagem, profissional ou amadora, desse texto, requer a autorização do autor, ou da entidade detentora de seus direitos autorais.

Contato da Autora: [mhkuhner@yahoo.com.br](mailto:mhkuhner@yahoo.com.br)

Contato CBTIJ: [cbtij@cbtij.org.br](mailto:cbtij@cbtij.org.br)

### Informações sobre o texto:

Este texto recebeu o Prêmio no Concurso de Peças Radiofônicas da Fundação Konrad Adenauer, em 1980.

Em razão desta premiação, foi gravado e veiculado em 1980 / 1981 na Alemanha pelas redes de rádio da Westdeutscherundfunk e da DeutscheWelle e no Brasil pela Rádio MEC com direção de Alan Lima.

Foi também publicado pela Editora Vertente Cultural, do Rio de Janeiro, numa compilação de textos da autora, chamado *Teatro para Crianças e Jovens (De Todas as Idades)*, em 2011.